

**LEITURA DE IMAGEM, TEMPOS VERBAIS
E CONHECIMENTO DE MUNDO:
TUDO JUNTO E CONJUGADO?**

Elizângela Fernandes dos Santos
lelizz@hotmail.com

RESUMO

Ao se ler imagem um espaço de atividade linguístico-cultural se abre entre o leitor e ela. Mais do que extrair dela informações; apreciá-la, a imagem é um texto o qual propulsiona conhecimentos. Desse entrelaçamento, a capacidade de interpretar e (re) produzir conhecimentos advém da força da cultura sob a mente humana. A fim de se verificar como a cultura modela e orienta as ações humanas no tocante ao uso dos tempos verbais da língua portuguesa, convida-se os mecanismos da espacialização e temporalização da linguística enunciativa (FIORIN, 2008; 2011) e a teoria da psicologia cultural (BRUNER, 1997). Como *corpus*, têm-se contos produzidos a partir da leitura da imagem *Futebol em Brodósqui* (1940), de Cândido Portinari, por estudantes do 7º ano de uma escola pública da região metropolitana de Recife. A análise dos dados se desenvolveu em três etapas: 1ª etapa: a aplicação de entrevista semiaberta para o levantamento sobre acesso/interação do sujeito com as várias línguas; 2ª etapa: a leitura da imagem; a realização individual de ficha Interpretativa sobre a leitura dela mais a escrita de um conto a partir da leitura dela; 3ª etapa: a análise do texto pelo próprio produtor através da ficha Produção textual. Este trabalho concluiu que o usuário da língua (re)visita conhecimentos de mundo e faz escolhas de tempos verbais embasado por conjuntos de procedimentos culturalmente estáveis, ou seja, é o o conhecimento de mundo que atesta o quanto um conjunto de ações e/ou estados deve ser posto como anterior (pretérito), posterior (futuro) ou atual (presente), ademais, a capacidade de o sujeito se multiplicar em narrador e personagens frente à leitura de imagem lhe possibilita o controle sob os efeitos da (não) concomitância de ações e estados.

Palavras-chave: Leitura de imagens. Tempos verbais. Conhecimento de mundo

1. *Leitura de imagens: um convite ao conhecimento de mundo*

Uma das mais antigas formas de relação do homem com o mundo é através das imagens. Elas circulam em nossa sociedade, ora como expressão de uma cultura ou ideologia, ora como revelação de uma comunicação com o *Outro* com a sociedade, a fim de instaurar novas leituras, registrar novas formas que resultam nas mais diversas imagens. Entretanto, mais que um resultado de ação artística e criativa, a imagem também é fruto do comportamento humano diante de um ponto de vista. Talvez seja por isso o interesse de historiadores, antropólogos, sociólogos e educadores em discutir o que está por “trás” das imagens e, mais, em usá-las

como proposta de construção do conhecimento (PARSONS, 1992).

Assumindo a sua condição de texto, ler uma imagem significa considerar duas instâncias, o *contexto* e o *sujeito*. O *contexto*, porque segundo estudos contemporâneos (PARSONS, 1992), a cultura em que a pessoa vive, através dos valores, dos tipos de escolarização, dos ambientes etc. norteia a leitura sobre a imagem. O *sujeito*, porque de acordo com Housen *apud* Rossi, (2009, p. 23) a habilidade de ler imagens promove a sofisticação do pensamento, ou seja, se por volta dos 7 aos 9 anos, o sujeito lê uma imagem pela descrição/narrativa (percepção visual), com o exercício dessa leitura, desenvolve um pensamento mais reflexivo, pois, nesse momento, o seu repertório simbólico dialoga com outros discursos, promovendo novos significados, bem como refletindo sobre eles.

Assim, promover a leitura de imagens é estabelecer relações com a mente do produtor, com a mente do leitor e com o mundo social. O leitor da imagem a fim de compreendê-la ancora-se no seu conhecimento de mundo, partilha este conhecimento de mundo com a representação do conhecimento de mundo do produtor da imagem, e avalia/julga a partir das convenções sociais (regras, valores, posturas culturais) os sentidos daquela imagem. Entrelaçando-os num movimento plástico em que atribuir significado, evidencia a subjetividade e a necessidade lógica (Pillar, 1999). Ainda conforme a autora:

[...] a [leitura] tem sempre a marca do conhecimento, da imaginação de quem [lê], ou seja, depende das [habilidades] do sujeito, das estruturas mentais [cognitivas] que eles possuem no momento, as quais podem modificar as [compreensões]. Assim, duas pessoas podem ler uma mesma realidade e chegar a conclusões bem diferentes (PILLAR, 1999, p. 13).

A singularidade do sujeito possibilita uma leitura impregnada de experiências anteriores, lembranças, fantasias, desejos, valores, ideologias etc.; exige uma tomada de postura ideológica e, também, é marcada pelo lugar social, origem social. Logo a leitura de imagens é o espaço da problematização, da negociação entre as possibilidades de resignificação e de interação com outras formas de linguagem a que o sujeito dispõe. No intento de construir a compreensão, o sujeito não se dá conta, talvez, de *onde, quando, como* se constroi seu conhecimento de mundo e os seus discursos, não percebe que as diversas atividades sociais *indivíduo – mundo* são mediadas por formas simbólicas, específicas e intencionais de comunicação (linguagem).

2. Os tempos verbais e o conhecimento de mundo

A escolha dos tempos verbais no texto aqui analisado (ANEXO) produzido a partir da leitura de imagem (Futebol em Brodóski, 1935) não serve apenas para demarcar textualmente as ações e estados de personagens, mas também para expressar a relação de uma ação com outra, de uma ação com um estado. Muitas vezes, as escolhas por um tempo verbal correspondem aos efeitos culturais sobre o produtor textual, quando o estado é de animação, corre-se “[...] um grupo de crianças vieram correndo até nós”, quando o estado é de irritação, muda-se, inclusive o modo de andar “foram diminuindo o passo e, suas feições foram mudando também”. Nesse sentido, os acontecimentos temporalizados no texto não só respeitam uma noção sintática de concordância ou não (FIORIN, 2008; 2010) quanto às escolhas de tempos verbais, mas também como a cultura organiza alguns conjuntos de procedimentos (BRUNER, 1997): primeiro almoçar, depois cochilar, assim sucessivamente. Nesse sentido, a imagem enquanto cena, registro orienta a eleição dos conjuntos de tempos que podem temporalizar a enunciação, entretanto é o conhecimento de mundo que atesta o quanto um conjunto de ações e/ou estados deve ser posto como anterior (pretérito), posterior (futuro) ou atual (presente).

Assim, no texto “A verdadeira beleza” o uso predominante do pretérito imperfeito, ou seja, de ações e estados passados, com valor inacabado, durativo, em processo (BAKHTIN, 1998; FIORIN, 2010) corrobora para o efeito da concomitância. Veja que os verbos “era”; “éramos”; “gostava” (l.6); “achava”; “andavam”; entre outros, assinalam uma concomitância em relação a um marco de referência pretérita, “Era uma sexta-feira”, indicando, portanto, a duração das ações e/ou estados. Já quando se usa o pretérito perfeito, ou seja, enaltecendo o aspecto concluído de cada ação, “vi”; “olhei”; “consegui”. Para cada um dessas ações, o narrador- personagem, assim como Chico praticam outras, mas não concomitantes a elas.

Além de o texto em sua totalidade narrar uma enunciação da infância do narrador- personagem, logo no tempo pretérito, há simultaneamente a presença de outros tempos verbais que geram enunciações concomitantes aos acontecimentos narrados.

Repare que o diálogo entre o narrador-personagem e o grupo de crianças é marcado pelo tempo presente:

Só então comecei a falar:

– Vocês aí! Por que *olham* assim?

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

– Você **trouxe** pretinhos *aqui*! (1) respondeu um outro menino, dando um passo à frente.

– Eles **são** feios.

– Para vocês, eles **podem parecer** feios, ou pretinhos, como **disse**. Porém, o interior de algum de vocês que **é** negro! Seus olhos **possuem** um véu que só **vêm** pelas aparências exteriores. Pois aqui **digo**: esses três **aqui são** mais bonitos e limpos que todos **aqui** presentes, pois eles não (2) julgaram vocês de forma precipitada. Essa sim **é** a verdadeira beleza!

Portanto, quando o narrador- personagem delega voz a outras personagens, a enunciação que é predominantemente pretérita concede aos acontecimentos um olhar mais factual, um efeito de realidade. Contudo, o olhar pretérito, concluído sobre a curta enunciação instaurada permanece, os verbos (1) e (2)

Quando o produtor textual desdobra o tempo (pretérito imperfeito/pretérito perfeito/presente) sob domínio do narrador- personagem inscrito por ele, a construção do argumento que defende se potencializa, uma vez que a delegação de vozes presentifica a importância de “*fazer textos [orais/escritos] sobre o preconceito racial, porque é um tema interessante que muitas pessoas [narrador-personagem e grupo de crianças] deviam abordar [falar]*”.

Ainda no mesmo diálogo, observe que a situação de interlocução entre as personagens (diálogo) e a enunciação que a gerou, do ponto de vista espacial, é a mesma. Conclui-se isso, porque o uso do *ai*, como do *aqui*, assume formas anafóricas, ou seja, recuperam algo que já foi dito “terreno descampado” e “vilarejo”, respectivamente, como também anulam a oposição narração (enunciação) e enunciado (evento narrado), ademais, ambos situam quem está dentro e fora da interlocução.

Contudo, além dessas características, o *ai* semanticamente, pode assumir outra acepção: a de menosprezo do narrador- personagem não só por aquilo que eles (grupo de crianças) fariam, mas também pela “*indignação*” e o “*olhar gelado*” observado pelo próprio narrador- personagem. Deste modo, esses advérbios, além de possibilitarem uma análise espacial da enunciação, temporalmente, aproxima o produtor textual das bases ideológicas dele que refutam atitudes preconceituosas, como também delimita que não são todos os moradores do vilarejo que possuem atitudes racistas.

Fora os tempos verbais, outras expressões com valores temporais são exploradas no texto “A verdadeira beleza”, como as categorias das

preposições “*conduzimos-os até a entrada do vilarejo*” dando a noção de desfecho à ação de conduzir; das conjunções “*Quando eu estava fechando os olhos [...]*” dando a noção de anterioridade de ações e “*Alguns ficaram chocados com o que eu disse, enquanto outros voltaram para casa [...]*” dando a ideia de simultaneidade de ações.

Outra categoria também presente em “A verdadeira beleza” é a categoria dos demonstrativos “[...] *nós éramos os únicos fora de casa naquela hora*” e “*Naquele momento que chegávamos nós cinco no centro do terreno*”. Ambos os demonstrativos formados pela contração em + aquela e em + aquele, respectivamente, marcam por sua vez a distância espaço temporal da narração. Logo, o produtor textual, instalado no texto como narrador-personagem, como também enunciador de discursos, ao trazer para o enunciado (evento narrado) esse distanciamento, compartilha com seus enunciatários a capacidade simultânea de lembrar-se da cena enunciativa, como também organizá-la dentro de seu propósito comunicativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec, 1998.
- BRUNER, J. *Atos de significação*. Trad.: S. Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- FIORIN J. L. Polifonia textual e discursiva. In: BARROS, D. L. P. (Org.). *Dialogismo, polifonia e intertextualidade em torno de Bakhtin*. São Paulo: Edusp, 2010, p. 29-36.
- _____. Interdiscursividade e Intertextualidade. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos chaves*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 151-162.
- PARSONS, M. J. *Compreender a arte: uma abordagem à experiência estética do ponto de vista do desenvolvimento cognitivo*. Lisboa: Presença, 1992.
- PILLAR, A. D. *Educação do olhar no ensino das artes*. Porto Alegre: Mediação, 1999.

ANEXO

A verdadeira beleza

Era uma sexta-feira, estávamos nós dois, eu e Chico, sentados debaixo de uma árvore, protegendo-nos do sol quente. Eu havia acabado de almoçar e estavam com uma preguiça enorme. Chico, como sempre, estava encostado no tronco, dando um cochilo, como de costume. Nós dois éramos os mais velhos entre as crianças e, talvez por isso éramos os únicos fora de casa naquela hora.

Eu gostava de ver o movimento da estrada empoeirada logo à frente, mesmo ele sendo pequeno. Achava difícil alguém de fora viesse visitar nosso vilarejo, pois ele passava despercebido pela maioria dos viajantes.

Quando eu estava quase fechando os olhos para dar um cochilo, vi ao longe três crianças negras; uma maior, mais ou menos do meu tamanho, e duas menores. Olhei com curiosidade para elas, que andavam de modo cansado, com as feições abatidas e molhadas de suor. Apesar de meu esforço, não consegui identificar um adulto presente entre elas. Deduzi que, eles (vi eram meninos), não teriam forças para chegar. Preocupado, sacudi Chico, afim de acordá-lo, e só então corremos até os três que se aproximavam. Chegando lá, oferecemos uma fruta para cada um, e então nós conduzimos-os até a entrada do vilarejo, que era um grande terreno descampado onde geralmente jogávamos bola; e a mesma estava no meio do terreno, como se estivesse pedindo para ser chutada.

Naquele momento que chegávamos nós cinco no centro do terreno, um grupo de crianças vieram correndo até nós, aparentemente animados para um jogo.

Ao se aproximarem o bastante para ver a nós cinco, foram diminuindo o passo, e suas feições foram mudando também: de animação para irritação, ou até mesmo indignação. Não sentia animação nelas, e sim um grande desgosto.

Fui perceber que elas estavam com um olhar fixo nos três que eu e Chico havíamos trazido, mirando-as com um olhar gelado. Já os três pareciam um tanto sem graça, envergonhados.

Irritado com aquela situação, dei um passo a frente e fiquei na frente das crianças que eu e Chico conduzimos para o vilarejo, como se eu quisesse protegê-las de algum perigo. Só então comecei a falar:

– Vocês aí! Por que olham assim?

– Você trouxe pretinhos aqui! respondeu um outro menino, dando um passo à frente.

– Eles são feios.

– Para vocês, eles podem parecer feios, ou pretinhos, como disse. Porém, o interior de algum de vocês que é negro! Seus olhos possuem um véu que só vêem pelas aparências exteriores. Pois aqui digo: esses três aqui são mais bonitos e limpos que todos aqui presentes, pois eles não julgaram vocês de forma precipitada. Essa sim é a verdadeira beleza!

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Alguns ficaram chocados com o que eu disse, enquanto outros voltaram para casa, chorando, chamando pelos pais.

Os que ficaram abaixaram a cabeça e, arrependidos, pediram desculpas, que logo foram aceitas.

E então, com todas as mágoas reparadas, começamos um jogo de bolo, deixando a todos felizes.

Foi assim que três visitantes negros tornaram a todos pessoas melhores do que fomos. Essa é a melhor lembrança de minha infância.